

# 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

## “Museu, espelho meu”: Diário do Projecto V (Junho 2008)

Junho chegou ao fim e os seis itinerários que serão reunidos nos *GUIAS* do circuito de museus do Algarve (o Museu Municipal de Faro e o Museu Municipal de Portimão) estão em plena construção. Preparamos as maquetas finais dos 12 itinerários dos três *GUIAS* do circuito dos museus de Lisboa (Casa-Museu Guerra Junqueiro, Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional do Teatro e Museu Nacional do Traje). Temos prontas as pré-maquetas dos itinerários no Museu do Papel Moeda da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda e esboçados os seis itinerários dos outros dois museus do circuito do Porto (a Casa-Museu Guerra Junqueiro e o Museu Nacional Soares dos Reis).

### **Continuação da divulgação dos objectos museológicos trabalhados no Projecto «Museu, espelho meu»: exemplos de objectivos e de estratégias dos *GUIAS*** (VER FOTOGRAFIAS NESTE SITE)

No **Museu Municipal de Faro** é pelo claustro do convento quinhentista, onde o museu está instalado desde 1973, que se acede aos quatro núcleos da exposição permanente onde estão localizados os seis objectos escolhidos para serem trabalhados no projecto «Museu, espelho meu».

Do primeiro núcleo, o dos «Caminhos do Algarve Romano», já aqui divulgámos um lacrimário. Ao mesmo contexto de práticas ligadas à separação e memória dos mortos, pertence a ***ara funerária romana*** que integra o itinerário dos três *GUIAS*. Na verdade é um fragmento de uma ara. E porque razão se expõe um fragmento?

Mesmo estando muito incompletas, as palavras e elementos figurativos que sobraram desta ara documentam o modo como os romanos tratavam da morte dos seus próximos.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Na face frontal, sobrou, muito incompleta, uma ave de rapina (?) protegendo um templo (?) e, sobre ela, algumas letras da dedicatória em latim «Aos Deuses Manes». Nas restantes três faces adivinham-se ainda uma patéra e frutos (?).

Os romanos acreditavam que os mortos continuavam a ter vontades próprias. Por isso, construía monumentos e realizavam festas para que os seus parentes mortos soubessem que eram lembrados. É que, ao terem a certeza de que não eram esquecidos, os mortos não queriam regressar – o que deixava descansados os vivos!

E, para que os vivos vivessem ainda mais descansados, a sua cidade estava separada do local onde os mortos tinham sido sepultados ou colocados em urnas. A cenografia montada no Museu de Faro, numa referência a *Ossonoba*, torna clara esta divisão. Um dispositivo áudio enche de vozes, aplausos, choros, gritos, cânticos, trovões, chuva, pássaros... o espaço que o visitante atravessa, *contrariando* a frieza das estruturas de metal que servem de suporte aos numerosos fragmentos da antiga cidade romana aqui expostos.

E nós, como nos sentimos quando pensamos na nossa morte? Este é um assunto assustador, de que não gostamos de falar? Ou, pelo contrário, ficamos descansados porque as pessoas mais velhas que conhecemos já nos falaram sobre o que pensam da morte e, preparando-se para ela, também nos preparam para quando ela chegar?

Assim como há pessoas que não querem deixar lugar de culto à sua memória depois de mortas, também há muitas outras que, à semelhança das civilizações antigas, mandam construir monumentos funerários para quando morrerem ou para honrarem os seus amigos e parentes mortos. Em muitos desses monumentos são inscritas palavras e imagens.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

E, se daqui a 2000 anos um arqueólogo encontrasse um desses monumentos, ficaria a conhecer o modo como lidamos com a morte?

No **Museu Nacional de Arte Antiga** existe um **saleiro** que foi esculpido no século XVI, no Benim (na zona a sul do Golfo da Guiné então chamada Costa dos Escravos).

Comprado numa loja de antiguidades, entrou para as colecções do museu em 1951. Este objecto raro – actualmente, no mundo inteiro, apenas conhecemos 14 saleiros como este – está incompleto. Hoje mede 19,2 cm de altura. Comparando-o com os outros saleiros afins é possível calcularmos quão incompleto está este saleiro.

A função deste objecto e o facto de nele estarem esculpidas figuras que representam funcionários da corte portuguesas, podem ser provas de que este saleiro foi feito para servir à mesa de um português.

No site do *British Museum*, a propósito de um outro saleiro do mesmo conjunto de 14 a que pertence o saleiro do museu de Lisboa, surge a informação de que estes objectos de marfim foram feitos pelos artesãos africanos para serem vendidos aos navegantes portugueses mais abastados, como uma primeira *indústria de turismo!*

O **Museu Municipal de Portimão** foi inaugurado no passado dia 17 de Maio. Desde que começou a ser preparada a criação de um museu municipal – a Comissão Instaladora do Museu de Portimão foi criada em 1983 – que um dos princípios programáticos desse museu foi o de reabilitação do património industrial local.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Há cerca de doze anos, em 1996, iniciou-se a programação do museu centrada já naquele que viria a ser o local definitivo.

O edifício deste museu integra parte dos edifícios da antiga fábrica de conservas de peixe “Hermanos Feu”, bem como a zona portuária contínua a esses edifícios. Da colecção do museu faz parte quase todo o espólio dessa fábrica.

Os *GUIAS* em elaboração no âmbito do Projecto «Museu, espelho meu», reportam os visitantes/utilizadores para a área temática mais representada na exposição de referência deste museu que é, precisamente, a da indústria conserveira pesqueira.

O forte cariz didáctico desta exposição – com o recurso a grandes painéis fotográficos, a manequins e as sequências fílmicas relativas às várias fases de produção (montadas a partir de um documentário da RTP, realizado em 1946, e que são emitidas em pequenos ecrãs espalhados pela nave do museu) em que se vêem os operários a trabalhar nas várias unidade de fabrico – facilita, junto dos visitantes, a compreensão do processo de produção da conserva de peixe em lata.

Os itinerários propostos nos *GUIAS* procuram simplificar o percurso expositivo, centrando a atenção das crianças em quatro, cinco ou seis objectos integrados na cenografia museográfica que reconstitui o processo de fabrico da conserva de sardinhas.

Um desses objectos é a **máquina litográfica**. Provem da Fábrica Júdice Fialho, Conservas de Peixe, S.A. Este objecto, necessário na fase de gravação litográfica das folhas-da-flandres a partir das quais eram recortadas e montadas as latas, reporta-nos directamente para as chamadas «artes do vazio» – artes que incluem todos os trabalhos relacionados com o fabrico da lata de conserva.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Foi também pelo processo de gravação litográfica que se multiplicou o original da **Acção da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha**.

O desenho original da acção é da autoria de um dos dois irmãos que decidiu constituir esta empresa: o artista plástico Rafael Bordalo Pinheiro.

Os desenhos desta acção poderão constituir *pistas* para descobrirmos as peças de cerâmica que viriam a ser criadas na fábrica dos Bordalo Pinheiro e dos restantes accionistas?

Reparemos: tudo parece assentar sobre um grande prato que numa das bordas tem um sapo. Sobre o prato estão quatro pequenos pratos e uma jarra onde um gato corre atrás de um rato. Por cima das plantas da jarra estão dois peixes já mortos, uma enorme cobra, um lagarto e uma lagosta. A servir de fundo, como se estivesse no lado de lá do grande prato, avistamos metade de um prato ainda maior, esverdeado, por onde trepa uma segunda cobra. Sobre esse enorme pedaço de prato está escrito «Fábrica de Faianças».

Será que, com este desenho, de um enorme prato incompleto, Rafael Bordalo Pinheiro quis mostrar que quem possui esta Acção possui uma parte da Fábrica de Faianças? Quis ele assim mostrar que, reunindo o dinheiro para abrir uma fábrica, através de Acções como esta, se há-de conseguir finalizar o prato!?

Quer o texto impresso, quer o texto manuscrito da Acção que pertence à colecção do **Museu do Papel Moeda da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda** têm como fundo um desenho de uma árvore florida. Num dos ramos desta árvore está pousado um pássaro.

Esta Acção foi emitida a 30 de Junho de 1881 e pertenceu a Fernando Pereira. A fábrica iniciaria a sua laboração em 1886.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Cruzemos dois museus dentro do mesmo circuito: da Acção da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha exposta no Museu do Papel Moeda passamos para uma **jarra** com sapos pertencente à colecção da Câmara Municipal do Porto, em depósito no **Museu Nacional Soares dos Reis**.

Esta jarra foi desenhada por Rafael Bordalo Pinheiro e criada na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. Rafael Bordalo Pinheiro tinha a sua casa em Lisboa (depois transformada na Museu Rafael Bordalo Pinheiro) mas mandou construir a sua fábrica de cerâmica num dos principais centros oleiros do país.

Uma roda de catorze sapos verdes decora o bojo da jarra castanha. Perto da base da jarra estão cinco folhas de nenúfares.

A jarra dos sapos pertence a um tipo de cerâmica que, embora já existisse como linha decorativa da loiça das Caldas, foi desenvolvida por Rafael Bordalo Pinheiro de uma maneira muito singular.

Rafael quis contrapor à organização tradicional do fabrico oleiro caldense, organizado em pequenas oficinas familiares, uma fábrica de modelo semelhante às que visitara em países como a Bélgica e a Holanda. Nela seria fabricada, seguindo a tradição local, loiça de «gosto naturalista», de que é exemplo esta jarra dos sapos, e loiça caricaturista. Mas também loiça de uso comum e materiais de construção como o tijolo, telhas vidradas e azulejos.

Se a produção massiva dos dois primeiros tipos de loiça, pela sua peculiar decoração criativa, e a qualidade técnica da cerâmica, permitiu a sua internacionalização, já a opção de fabrico de cerâmica utilitária de baixo custo terá estado na origem do insucesso financeiro da empresa dos Bordalo Pinheiro.

Esta jarra está datada de 1905, último ano de laboração daquela fábrica.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Pelo mundo dentro, e ao longo dos tempos, têm existido muitas maneiras diferentes das pessoas se sentarem.

A maioria das pessoas, em Portugal, no século XVII, sentava-se no chão sobre esteiras ou estrados, com almofadas – costume que tinha sido aprendido com os povos islâmicos.

A forma de uma cadeira.

Há um conjunto de requisitos formais para que à forma de um objecto lhe assente a designação de cadeira: quatro pés, um assento e costas (espaldar).

Data da segunda metade do século XVII a **cadeira** de madeira, couro e latão de fabrico português, pertencente a um conjunto de quatro cadeiras, que integra dois dos itinerários na **Casa-Museu Guerra Junqueiro**.

A forma do espaldar da cadeira está relacionada com a adopção de uma nova moda de penteados muito altos das cabeleiras postiças e com o uso de golas altas, e a decoração da cadeira indica-nos o gosto dos seus donos.

Muitas cadeiras tinham lavradas as armas do seu proprietário no couro (pele de gado bovino que forra o assento e o espaldar da cadeira).

Nesta cadeira foi lavrada no centro do espaldar, dentro de um medalhão, uma figura feminina chamada a «dama do papagaio». Trata-se de uma pequena figura de mulher vestida em traje de corte portuguesa dos finais do século XVII / inícios do século XVIII, com cabelo frisado com risca ao meio. Usa toucado levantado e plissado. Na mão direita tem um ramo de três flores e na esquerda tem um pássaro.

Esta figura situa-se no topo de uma cornucópia que dois anjinhos (*putti*) seguram. Por cima da «dama do papagaio» está uma coroa de flores



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

amparada por dois *homens-folhagem*. Todo o couro do espaldar é profusamente lavrado com motivos vegetalistas que simetricamente se distribuem enfatizando a «dama do papagaio». O assento da cadeira também foi lavrado.

Mesmo sendo mobiliário muito caro, com a crescente procura deste mobiliário de assento em couro lavrado, multiplicaram-se as oficinas de aprendizes e mestres correeiros. Estas oficinas, bem como as dos lateiros que fabricavam toda a pregaria usada nestas cadeiras, situavam-se sobretudo nas cidades do Porto, Coimbra e Lisboa.

Ao longo dos séculos, inúmeras tipologias de cadeiras têm sido criadas, mas foi no século XX que a cadeira se democratizou.

Hoje, no início do século XXI, a cadeira é uma peça de mobiliário abundante e diversificada em grande número de casas. No itinerário sugerido para crianças a partir dos 10 anos, como proposta de actividade a realizar depois da visita à Casa-Museu Guerra Junqueiro propomos que criem um *Catálogo ilustrado das cadeiras lá de casa*.

Há móveis que foram construídos para nunca serem usados! É o caso da **papeleira miniatura** da colecção da **Casa-Museu Dr. António Anastácio Gonçalves**.

As papeleiras são móveis que servem para escrever e para guardar papéis e outros objectos ligados à escrita (penas, tinteiros, mata-borrão). Têm gavetas e um tampo que se abre quando alguém quer escrever uma carta, um recado... ou guardar segredos.

Mas esta é uma papeleira miniatura. Foi feita no século XVIII, com duas qualidades de madeira: o mogno e a casquinha.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Se um aprendiz do ofício de marceneiro queria chegar a mestre tinha que provar que já era capaz de construir um móvel miniatura como este. Pois, sendo capaz de fazer uma papeleira miniatura, provava que também seria capaz de fazer uma papeleira maior, que servisse para escrever e guardar papéis e outros utensílios da escrita!

Alem de prova de exame, esta papeleira miniatura acabou por servir também como objecto de colecção! Por isso é que podemos vê-la nesta casa-museu.

Porque é que o Dr. Anastácio Gonçalves a terá coleccionado?

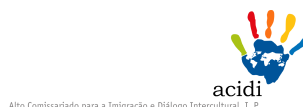
Há muitas razões possíveis: por aquilo que ela prova – que um aprendiz pode chegar a mestre; por ser antiga; por gostar dela... e gostos não se discutem?!

Uma maquete de um cenário é um cenário em miniatura, é um estudo para um cenário. A exposição de longa duração do **Museu Nacional do Teatro** está organizada em oito momentos que reportam os visitantes para oito componentes do processo de construção do espectáculo teatral.

Uma dessas componentes é a que respeita ao trabalho dos cenógrafos.

O cenógrafo estuda o texto da peça teatral e conversa com o encenador que lhe transmite as ideias fortes do espectáculo, sobretudo em relação ao espaço e ao tempo em que se passa a história/acção.

O cenógrafo fica a saber em que lugar ou lugares se passa a acção, durante quanto tempo, de dia, de noite, num espaço muito pequeno ou num espaço amplo, se esses espaços são parecidos com lugares que existem ou se são completamente imaginários, muito iluminados ou quase às escuras, etc, etc, etc.



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

A partir de todas estas informações, o cenógrafo faz pesquisas de imagens e de objectos, relacionadas com as ideias que o encenador lhe transmitiu sobre o espectáculo.

É então que o cenógrafo faz os primeiros desenhos de esboços dos cenários. (Entretanto, o espectáculo começa a ser construído pelos actores, dirigidos pelo encenador).

Assim que tem uma ideia mais exacta dos cenários, o cenógrafo começa a fazer estudos mais detalhados. Alguns estudos são passados a maquetas. Podem ser maquetas muito simples, feitas com materiais muito acessíveis, mas que servem para o cenógrafo ir estudando os vários elementos do cenário.

Construindo maquetas teatrais, o cenógrafo consegue visualizar, de um modo mais próximo do que nos desenhos, como virá a ser o espaço criado pelo cenário real.

A maqueta também serve para o cenógrafo experimentar vários materiais e para escolher aqueles com que depois será construído o cenário real. Na maqueta também pode estudar a iluminação do palco. No *GUIA* para visitantes «a partir dos 10 anos» surgem pistas de orientação para a observação das maquetas expostas.

Repara nos diferentes materiais utilizados na construção das maquetas aqui expostas. Representam espaços interiores ou exteriores? Que objectos em miniatura encontras? Há aqui maquetas em que a luz é um importante elemento do cenário?

No *GUIA* são destacados dois dos **estudos para cenários** aqui expostos: um, da autoria de **António Soares**, feito em 1930, que talvez tenha sido um estudo para um telão da peça «A boneca e os fantoches»; o outro, é uma maqueta realizada por **cinco alunos e um professor da Escola Mãe d'Água**, da



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

**Amadora**, que ganhou o primeiro prémio, na edição de 2007, do concurso «A minha escola adopta um museu».

Agora vamos ao Brasil, ao Estado da Baía, à cidade de S. Salvador e encontramos as *baianas*! E o que é a **baiana** do **Museu Nacional do Traje** tem vestido? Olhando para o manequim que traja à baiana conseguimos adivinhar tudo o que veste a baiana?

Começou por vestir... umas culotes ou cuecas.

Depois... um saiote.

Depois... o outro saiote.

Por cima... a saia (beca).

A seguir... uma blusa de cambraia de algodão branco.

Por cima... uma blusa de cabeção rendado ou bata.

E, no fim... em vez do pano da costa, pôs sobre os ombros uma *écharpe* de tecido (tafetá) de algodão branco.

Na cabeça vai pôr um torço, turbante ou rodilha.

Nos pés vai enfiar umas chinelinhas.

Em São Salvador da Baía, as baianas estão na rua a vender o *acarajé* que são bolinhos de feijão fradinho, fritos no azeite de dandé.

O azeite de dandé é óleo de palma. É feito do fruto da palmeira, dos cocos que, no **Museu Nacional do Traje**, os visitantes vêem também serem transportados e triturados pelas bonecas sanguías de S. Tomé e Príncipe.

O óleo de palma é indispensável na cozinha afro-brasileira. África e Brasil estão ligados desde há mais de 500 anos.

Entre o século XVI e o século XIX, milhões de pessoas – originárias de regiões que hoje correspondem a países como Senegal, Guiné Bissau, Guiné, Libéria,



## 2008 ANO EUROPEU DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Costa do Marfim, Ghana, Togo, Benim, Nigéria, Camarões, Gabão, Congo, Angola, e na costa oriental africana, Moçambique – foram levadas como escravos, pelos portugueses, para o Brasil. (O Brasil tornou-se um país independente em 1808 e a escravatura foi abolida no Brasil em 1888).

Os escravos eram uma mercadoria, trocada por outros produtos. Não eram considerados pessoas, não tinham qualquer direito.

Mas a sua condição humana, a sua liberdade de pensar e sentir, ninguém lha podia tirar e como tal, entre si, conseguiram preservar os seus conhecimentos e gostos, os seus ancestrais hábitos culturais.

E foi assim que, através das gerações, ao longo dos séculos, continuaram as suas tradições ligadas ao modo de se vestirem, de prepararem os alimentos..., assegurando a memória da história dos seus antepassados e a sua própria identidade cultural através dos contos, das canções e de todos os seus costumes.

**Sofia Lapa**

**30 de Junho 2008**

